

ACADEMIA DAS SCIÊNCIAS DE LISBOA

Separata do «Boletim da Segunda Classe», volume XIX

Dr. JOSÉ MARIA RODRIGUES

AS FRASES DO TIPO:

Tenho dó de si; vou consigo.

A SUA ORIGEM E LEGITIMIDADE



COIMBRA

IMPRENSA DA UNIVERSIDADE

1933

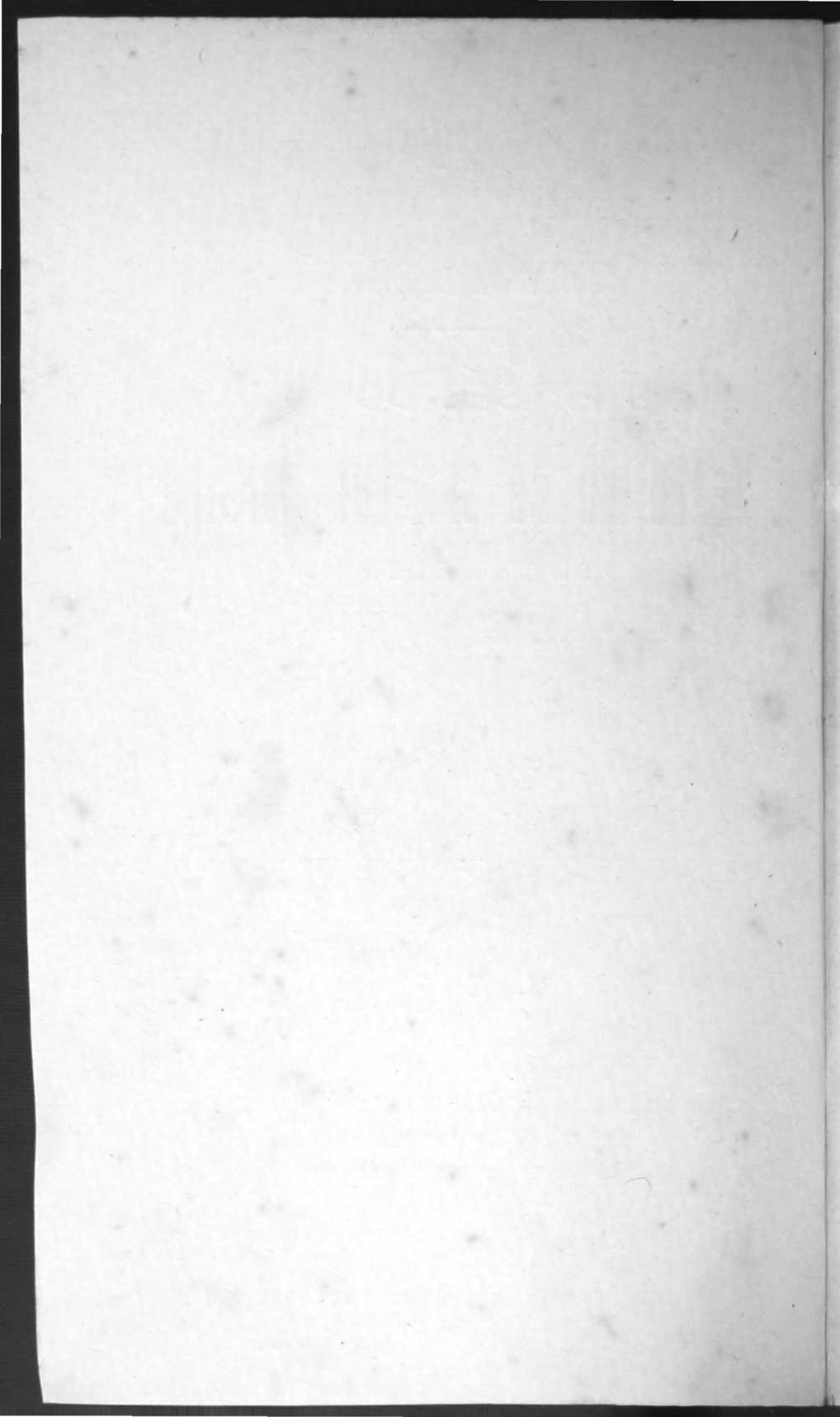
Sala 5

Gab. 33

Est. 23

Tab.

N.º 81



ACADEMIA DAS SCIÊNCIAS DE LISBOA

Separata do «Boletim da Segunda Classe», volume XIX

Dr. JOSÉ MARIA RODRIGUES

AS FRASES DO TIPO:

Tenho dó de si; vou consigo.

A SUA ORIGEM E LEGITIMIDADE



COIMBRA

IMPRESA DA UNIVERSIDADE

1933

Separata do *Boletim da Segunda Classe*, vol. XIX



AS FRASES DO TIPO:
TENHO DÓ DE SI; VOU CONSIGO

A SUA ORIGEM E LEGITIMIDADE

Em um livro recentemente publicado no Brasil por João Curioso (criptónimo de um ilustrado português residente naquele país) e intitulado *Camilo e as caturrices dos puristas* (Tóm. 1.º. Rio de Janeiro. 1924), encontram-se transcritos, de pág. 149 a 151, os seguintes passos de gramáticos e filólogos brasileiros, alguns dos quais gozam entre nós de merecida fama:

« Em Portugal emprega-se, porém abusivamente, em linguagem familiar *Si, consigo* com referência à pessoa com quem se fala. Este modo de substituir as expressões *o Senhor, com o Senhor*, repugna em geral ao ouvido brasileiro, mórmente por dar, em certos casos, lugar a ambigüidade: Falou *consigo* será *com o Senhor* ou *consigo próprio*? Não se referiu *a si* será *a si mesmo* ou *ao Senhor*? » *Said Ali, Lexicologia do Português histórico*, pág. 67, S. Paulo, 1921. »

« As variações pronominais *se, si, siço*, são sempre correlatas à palavra que representa o sujeito da oração em que se elas acham como complementos. Assim não nos parece correcto dizer: Ele pensa muito em *si*, em lugar de em *ti*, em *vós*, no *senhor*, em *vossa mercê*, em *vossa senhoria*, em *vossa excelência*; falou, só de *si*, em lugar de falou só de *ti*, de *vós*, de *vossa excelência*, etc.; lembrar-se-há sempre de *si*, em lugar de *ti*, de *vós*; el-rei

sahiu com a gente que ficou *consigo*, em lugar de *com ele*. Alguns escritores portugueses, porém, começam a empregar essas variações ou flexões pronominais, referindo-as à pessoa com quem se fala. Assim é que a leitura de um moderno romancista português nos depara o seguinte passo: « Há sempre algum misterioso influxo que me vence e me conduz para *si*, » em lugar de para *vós*.

Da mesma sintaxe usou o autor do *Ramalhetinho da Puerícia*, dizendo: « Ai, menina Aninhas, com que ternura que aquela vaca está a olhar para *si*! », em vez de para ti ou para *vós*. Já Fr. Luís de Sousa havia dito algures: « Sahiu o duque a espera-lo e tres cardeaes *comsigo* »; em lugar de *com ele*.

Em despeito destes últimos exemplos, temos que deve lançar-se à conta de faltas e descuidos censuráveis esse emprego das ditas variações, que significariam assim relações equívocas e contraditórias. » Carneiro Ribeiro, *Serões Gramaticais*, pág. 662.

« É erro crasso empregar expressões como: Fulano já falou a *si* (ao senhor) acêrca deste negócio? Gosto muito de *si* (de você). *Se, si, sigo* são meros reflexivos e não se podem referir sinão ao sujeito da oração, sendo este da terceira pessoa: António fala a *si, comsigo*, isto é, a ele, António; com êle, António (sujeito). » Alfredo Gomes, *Gramática Portuguesa*, pág. 339, 18.^a ed., 1920.

« É muito para ser condemnado o emprego de *si, sigo* na 2.^a pessoa:

Tenho dó de *si* (por ti ou *vós*); não falo *comsigo* (por contigo, comvosco). » Pacheco e Lameiro, *Gramática da Língua Portuguesa*, pág. 590, 2.^a ed., 1894.

« *Se, e si*, sendo reflexivos, referem-se naturalmente ao sujeito da proposição. Não é correcto dizer-se: Falo *comsigo* (com V.) Falei de *si* (de V.).

O uso correcto manda dizer:

« Pedro falou de *si* (d'elle Pedro e não de vós).

« Você quer tudo para *si* (isto é, para você).

« Leve o revolver *comsigo* (isto é, com você)». João Ribeiro, *Gramática Portuguesa*, pág. 176.

« Encontram-se a cada passo incorrecções como estas: Mandou lembranças *para si*; quer falar *comsigo*, isso é lá *comsigo*. Esta maneira de exprimir-se um indivíduo, que se dirige a um interlocutor, é incorrectissima.» Júlio Ribeiro, *Gramática Portuguesa*, pág. 248, 3.^a ed.

« Estive *comsigo* (por comvosco), isto é *para si*, para vós, são necessidades amamentadas nas tetas da ignorância popular, que ouvimos e lemos todos os dias.» Pacheco da Silva Júnior — *Prontuário*, 10, Rio 1887.

« De poucos annos para cá surgiu em Portugal, e principalmente na culta Lisboa, um certo modo de falar, que, em falta de melhor classificação, chamarei — *Solecismo alfeninado*. Quando, amigo leitor, virdes ou ouvirdes as seguintes palavras — *si*, *consigo*, *de si*, *para si*; etc., que bem sabeis serem as variações do pronome reflexivo — *se*, cuidado! acautelai-vos! Si o auctor, ou interlocutor que vos ocupa a attenção, empregar as tais variações de modo *que ellas não se refiram ao agente gramatical da oração*, ahí tendes deante de vós um enfermo affectado de *solecismite* alfeninada.» Castro Lopes, *Artigos filológicos*, pág. 271.

Numa palavra: as frases *tenho dó de si*, *vou consigo*, são, segundo estes autores, um abuso de linguagem, uma falta e descuido censurável, um erro crasso, uma incorrecção, um solecismo. Nada mais, nada menos!

A-pesar-de tudo isto, é opinião minha que as duas frases são legitimamente portuguezas, pois derivam de uma evolução produzida nas relações sociais. Vejamos como.

No latim empregava-se a princípio para a segunda pessoa exclusivamente o pronome *tu*. Até à divindade se dirigiam os crentes por esta forma. No tempo do império, porém, o velho plural de modéstia *vos* foi elevado a plural de majestade. E isto porque, a partir de Diocleciano, os imperadores diziam *Nos imperator*, o que exigia o plural *vos*, da parte de quem se lhes endereçava.

Daqui as duas formas para a segunda pessoa do singular — *tu* e *vós*. E daqui também, como fórmula de tratamento, o emprêgo do possessivo *vester*, a concordar com um substantivo abstracto que exprimia uma qualidade da pessoa a quem se tratava por *vós*.

Foi esta a herança que recebemos do latim para nos dirigirmos a uma pessoa: *tu*, *vós*, *vossa mercê*, *vossa senhoria*, etc.; com o verbo respectivamente na 2.^a do singular, na 2.^a do plural e na 3.^a do singular¹.

Chegou, porém, o tempo em que se sentiu a necessidade de admitir um tratamento intermediário entre o familiar *tu*, e o cerimonioso *vós*, *vossa mercê*, etc. Começaram a aparecer casos — e dão-se ainda hoje todos os dias — um que se não podia ou não queria tratar por *tu* uma pessoa que não tinha a categoria necessária para um *vós* ou para

¹ «Au moyen âge, des leurs premiers bégaiements, toutes les langues de l'Europe centrale et occidentale — anglais et allemand, français et provençal, italien, espagnol et portugais, connaissent le *vous* de politesse et ne connaissent que lui. Le français et l'anglais se sont arrêtés à cette première étape — tout en faisant au *tu* un sort bien différent — tandis que leurs voisins de l'est et du sud ont renchéri sur les politesses de la grammaire. En anglais... «*Vous*» a pris peu à peu une extension considérable, pour arriver, de nos jours, à éliminer complètement du langage «*tu*», qui est uniquement archaïque et poétique. En français, la lutte est plus intéressante, car chaque pronom a eu tour à tour ses heures de revers et de revanche». A. Dauzat, *La politesse dans les langues modernes* na *Revue Universitaire* de 15 de Novembro de 1910.

um *vossa mercê*, ainda não degradado, fonética e semanticamente, no actual *você*.

Quer fazer nestas circunstâncias? Recorreu-se ao pronome da 3.^a pessoa do singular *êle, ela*, declinado em todos os seus casos.

Foi o que fêz, por exemplo, Camões no *Auto de Filodemo*.

Assim, no acto 2.^o, cena 3.^a, Solina, que perdeu o respeito à ama, a Dionisa, pois lhe serve de *terceira* para com Filodemo, se em geral a trata por *vós* e por *vossa mercê*, também usa do pronome da 3.^a pessoa do singular. Um exemplo: No acto 2.^o, scena 3.^a, pergunta Dionisa, referindo-se a Filodemo:

Então, vós, gentil donzela.
Folgaís muito de o ouvir?

Ao que Solina responde:

Si, porque me fala *nela*:
E eu como ouço falar *nela*,
como quem não sente,
folgo de o escutar,
Só para *lhe* vir contar
O que *dela* diz a gente;
Que eu não quero nada dele.
E mais, porque está falando?
Não me esteve *ela* rogando
Que fosse falar com ele?

Em Jorge Ferreira de Vasconcelos é também frequente este uso do pronome da 3.^a pessoa. Um exemplo da *Eufrosina*: No acto 3.^o, scena 1.^a, Sílvia de Sousa diz à protagonista: « Inda *a* eu verei condessa ».

E ao lado d'este pronome empregava-se também, referido à 2.^a pessoa, o pronome possessivo: *seu*. Assim no *Filodemo*, acto 4.^o, scena 1.^a, Solina, insinuando à ama

que aproveite a ausência do pai e do irmão, para se encontrar com Filodemo, diz-lhe:

E bofé, se eu tanto amasse
E visse tempo e sazão,
Sem *seu* pai, sem *seu* irmão,
Que a nuvem triste tirasse
De cima do coração.

E na *Eufrosina*, acto 4.^o, scena 2.^a, Sílvia diz à ama — que quer saber quem lhe tirou um alfinete do açafate: « Sua mulata ou algũa dessoutras raparigas... ou o perderia ella ».

Resumindo: Nestes passos e em muitos outros que se poderiam aduzir, a 2.^a pessoa a quem se não trata por *tu*, mas com quem se não quer usar alguma das fórmulas cerimoniaes, é designada pelo pronome *êle*, em todos os casos, e pelo pronome possessivo que lhe corresponde: *seu*, equivalente a *dêle*, *dela*. Isto no século XVI.

Hoje resta-nos dêste uso o dativo e accusativo do pronome e ás vezes o nominativo *êle*. Exemplos: Desejo-lhe saúde; já hoje o vi; como está seu pai? como vai êle? Para os outros casos oblíquos recorre-se ao pronome reflexo, que perdeu a significação primitiva, quando se refere à 2.^a pessoa. *Tenho dô de si*, a par de: *Tenha dô de si*. Se seu pai morrer, tenho muito dô de si, mas mais o tenho dêle ¹.

¿ A que foi devida esta evolução? Em primeiro lugar à ambigüidade do pronome *êle*, que nos reporta irresistivelmente

¹ « Dans le courant du XVI^e siècle, l'usage s'établit... de parler aux grands personnages à la troisième personne... En Italie, par ellipse de *Vossignoria*, on substitue de bonne heure *elle à vous* qui avait été le pronom respectueux au moyen âge... Aujourd' hui la troisième personne, en italien, est la seule formule de politesse imposée par le bon usage; *voi* est réservé aux inférieures que l'on ne tutoie pas ». *Revue Universitaire* cit., pág. 407-408.

vèlmente à 3.^a pessoa. *Tenho dó dêle, vou com êle*, entender-se-ia antes da 3.^a do que da 2.^a pessoa ¹. Verdade é o que o dativo *lhe* e o acusativo *o* resistiram, mas isso é devido à significação mais atenuada da 3.^a pessoa. E enfaticamente um e outro se reforçam com *o si*. Digo-lhe isto a *si*; vi-o hoje a *si*.

Mas ç porque se recorreu ao pronome reflexo, para lhe dar a função que em parte se retirou ao pronome *êle*?

A meu ver, foi por causa do possessivo *seu*, referido à 2.^a pessoa: ç *Como vai seu pai?*

Os pronomes possessivos correspondem, como se sabe, ao genitivo do pronome pessoal: *meu* = *de mim*; *teu* = *de ti*; *seu* = *de si*. Daqui as locuções: *tenho dó de mim*, *tenho dó de ti*, *tenho dó de si* (isto é, *dele*, 2.^a pessoa).

A lógica, inexorável nas suas inferências, leva-nos a este resultado: Se podemos preguntar, falando com uma pessoa: ç *Como está seu pai?* segue-se que também são correctas as expressões: *Tenho dó de si, se êle morre; vou consigo, pois quero vê-lo, Tenho dó dele*, 2.^a pessoa, seria um insuportável equívoco. Mais ainda: se podemos dizer a uma pessoa: *Tenha dó de si*, espontâneamente passamos para as construções do tipo: *Tenho dó de si*.

Foi a lógica do povo que se impôs e a ela tem de obedecer a linguagem das pessoas cultas; com ela tem de conformar-se os escritores que precisam de reproduzir o falar corrente, sobretudo os romancistas e os comediógrafos.

Como se não trata de construções de uso raro, que facilmente se poderiam evitar, mas de modos de dizer que todos empregamos a cada momento, e como, por outro lado, não falta quem os tache de erróneos, pro-

¹ No italiano o tratamento de *ella* (sc. *Vossignoria*) tende a especializar-se. «La langue tend à réagir en réservant de plus en plus à *essa* le sens de «elle», à *ella*, lei celui de «vous». *Rev. Univ. cit.*

ponho que as secções de literatura e de filologia emitam sôbre o assunto o seu parecer, para que este seja presente à classe, tornando-se públicas, para os devidos efeitos, as conclusões a que se chegar.

N. B. — Por deliberação da classe, tomada na sessão de 11 de Junho, vão publicados a seguir os pareceres sôbre o assunto desta comunicação emitidos pelos Srs. Drs. Leite de Vasconcelos, David Lopes, Cândido de Figueiredo, Lopes de Mendonça e Júlio Dantas.

TENHO DÓ DE SI, ETC.

Concordo com a exposição e conclusão do meu douto consócio e presidente, de que a expressão *Tenho dó de si*, referida à 2.^a pessoa do singular, se funda nos hábitos da língua, e que ela pode ser empregada pelos escritores que precisem « de reproduzir o falar corrente, sobretudo os romancistas e os comediógrafos ».

Tanto mais estou de acôrdo, quanto é certo que já em opúsculos meus, vindos a lume de 1891, defendi esse emprêgo.

Lisboa, 16 de Março de 1925.

J. Leite de Vasconcelos.

Tenho cometido, e continuarei a cometer, nos meus livros, o erro gramatical a que se refere a erudita comunicação do sr. Doutor José Maria Rodrigues.

Esse erro só é possível na literatura dramática, nos trechos de diálogo interpolados nos romances ou novelas, e na literatura epistolar: quer dizer, quando tenha de reproduzir-se, com exactidão, a linguagem falada. Quem faz a língua é o povo. A missão dos gramáticos é aceitar

e registar os erros que se tornam definitivos e que não constituem, em última análise, senão formas da evolução da língua.

Fevereiro, 1925.

Júlio Dantas.

Na minha opinião e concordando com o parecer quasi geral dos gramáticos brasileiros, é abusivo o emprego do pronome *se*, *si*, *sigo*, quando não tenha carácter de reflexividade, à excepção dos casos em que apassiva o verbo ou substitui o francês *on* ou o arcáico português *homem*. É certo porém que o desmando se vulgarizou em Portugal por forma que será difficilimo, se não impossivel, desarraigá-lo. Tanto mais quanto elle tira muita vez de embarços, derivados do tratamento usual do interlocutor na 3.^a pessoa, em lugar da 2.^a. Não seria contudo preferível recorrer ao artificio de que lançaram mão os espanhóis, adoptando uma equivalência corrente para o *usted* castelhano? O problema facilita-se desde que no trato social se tem definido o *você* ou *vossê*, despindo-o do entono arrogante que tinha ainda ha cousa de 15 para 20 anos. A solução que indico é menos da alçada académica do que da etiqueta dos salões. Se estes não estiverem de acôrdo, escusamos de lutar contra o uso. Temos de nos resignar à monstruosidade gramatical do reflexivo da 3.^a pessoa empregado em referência à pessoa com quem se fala. Mas a mim, com franqueza, custa-me...

Henriques Lopes de Mendonça.

SOBRE A LOCUÇÃO «TENHO DÓ DE SI»,
E LOCUÇÕES CONGÉNERES

Doente há meses e quasi impedido de ler e de escrever, tendo de me limitar à declaração, — e pouco mais, — de

que, respeitando como devo opiniões contrárias, mantenho convicto o parecer, várias vezes sustentado por mim em livros e jornais, de que a locução *tenho dó de si*, infelizmente um tanto vulgarizada, é oposta à gramática e à pureza da nossa língua.

Camilo, que cruelmente chamara *descompassada bêsta* a um jornalista que subscreveu aquela locução, algumas vezes escorregou nessa suposta bestialidade, e noutras corruptelas populares, que o romancista e o dramaturgo podem reproduzir quando reproduzem linguagem de gente rude ou pouco culta.

De par com algumas divergências minhas de lingüistas brasileiros, é-me realmente agradável estar, neste assunto, ao lado da maior parte deles.

29 de Abril de 1925.

Cândido de Figueiredo.

Não tenho nada a objectar ao parecer do nosso consócio e perfilho as suas conclusões.

Pode a gramática considerar erradas tais construções; todavia, quem faz as línguas não são os gramáticos, mas todos nós que as falamos.

O tratamento assim satisfaz uma necessidade de expressão por virtude de diferenciação lógica e social, como o parecer mostra.

Tenho, pois, por legítimo este modo de dizer.

Lisboa, 15 de Maio de 1925.

David Lopes.

